



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
SOCIAIS
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

A ÉTICA DA REVOLTA EM ALBERT CAMUS

CAMPINA GRANDE – Novembro de 2011

THIAGO GOMES DA SILVA

A ÉTICA DA REVOLTA EM ALBERT CAMUS

Trabalho monográfico realizado em cumprimento
das exigências do curso em Licenciatura Plena
em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba
– UEPB – na disciplina TCC, sob orientação
do Prof. Doutor Antonio Carlos de Melo Magalhães

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586e Silva, Thiago Gomes da.
 A ética da revolta em Albert Camus. [manuscrito]: /
 Thiago Gomes da Silva. – 2011.
 41 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo
Magalhães, Departamento de Filosofia”.

1. Ética 2. Solidariedade 3. Albert Camus I.
Título.

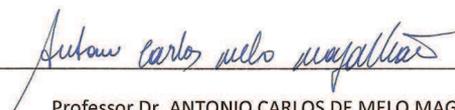
21. ed. CDD 170

TERMO DE APROVAÇÃO

THIAGO GOMES DA SILVA

A ÉTICA DA REVOLTA EM ALBERT CAMUS

BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. ANTONIO CARLOS DE MELO MAGALHÃES
Orientador

Professor Ms. JOSÉ NILTON CONSREVA DE ARRUDA
Examinador



Professora Dr^a. MARIA SIMONE MARINHO NOGUEIRA
Examinadora

Campina Grande, PB
2011

“a todos que vivem um Absurdo e desejam intensamente sair dele”

AGRADECIMENTOS

Minha Mãe.

Que sempre acreditou em mim, mesmo nas horas mais difíceis sempre esteve ao meu lado

Meu Pai.

Que toda noite vai me esperar, na cidade para irmos para casa. Pode ser de chuva ou não ele sempre esteve lá a minha espera.

Secretaria de Filosofia.

Por todas as vezes que precisei e lá estavam para ajudar, e principalmente a pessoa de Flaviano, mesmo não estando trabalhando mais na Secretaria sempre foi solidário a ajudar todos os alunos que precisavam.

Prof. Doutor Antonio Calor de Melo Magalhães.

Por ter aceito me orientar, ter acreditado em mim e em minha proposta de estudo. Que através de suas aulas colaborou e muito para o meu desenvolvimento intelectual, e que acima de tudo me apresentou este magnífico autor Albert Camus. Muito Obrigado!

Deus.

Não posso não agradecer a este ser que nos rege, acreditar ou não penso que tem mais a haver com estado de espírito que convicção, e nunca perdemos muita coisa confiando e esperando por Ele.

Todos.

A todos meu sincero, MUITO OBRIGADO!

Ilusões de Vida

*Quem passou, pela vida, em branca nuvem,
e em plácido repouso adormeceu,
quem não sentiu o frio da desgraça,
quem passou pela vida e não sofreu;
foi espectro de homem – não foi homem,
só passou pela vida: não viveu.*

(Revista da Língua Portuguesa, 1925. Francisco Otaviano de Almeida Rosa)

*“Se a revolta pudesse fundar uma filosofia uma
filosofia dos limites, da ignorância calculada e
do risco. Aquele que não pode tudo saber não
pode tudo matar.” (CAMUS, A. L’Homme Révolté. Essais.)*

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito discutir as temáticas abordadas por Camus(o Absurdo, Suicídio e a Revolta), em suas obras, percorrendo toda discussão acerca da vida humana e mas precisamente a certeza da morte tão relatada por este autor. Até chegarmos ao ponto central, que seria a criação de uma Ética da Revolta, que afirme o homem e possua como ponto crucial a Solidariedade, visto que só através desta é que podemos num mundo sem Deus e sem a ética cristã, sermos humanitários e fraternos uns com os outros. O caminho da articulação entre a percepção da realidade e a postura diante dos fatos ordinários existentes no mundo, é que leva Camus a desenvolver suas teses, visando o aprimoramento das relação humanas, visto que, estas ficaram defasadas a partir do momento que o homem se distância do próprio homem, criando assim seu próprio mundo ou seguindo a criação dos outros, mas nunca vivenciando e se relacionando com o outro, tornado-se um ser isolado e sozinho no mundo, e é este tipo de relação do homem como o próprio homem que Camus quer eliminar, que seria de indiferença e egoísmo, pois só através da união é que os homens conseguirão vencer, “ a peste” existente no mundo. Por esta razão este autor acredita que liberdade não pode ser alcançada pela guerra, visto que nada se consegue legitimamente pela força, só se pode conseguir a liberdade através da união e do respeito entre os homens Ele também demonstrará, que para o homem perceber sua condição de miséria, ele deve primeiro tomar consciência do Absurdo que é sua vida, uma rotina cansativa e sem sentido, só dessa forma ele poderá atingir, a Revolta, e se tornar livre.

Palavras-chave: Revolta; Ética; Solidariedade; Liberdade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO 1.....	11
O ABSURDO.....	11
1.1.ABSURDO NIILISTA OU NEGATIVO.....	16
1.1.1SUICÍDIO.....	19
1.2.ABSURDO POSITIVO.....	24
CAPÍTULO 2.....	26
2.1 REVOLTA.....	26
2.2 REVOLTA METAFÍSICA.....	31
CAPÍTULO 3.....	33
3. A ÉTICA DA REVOLTA OU ÉTICA SOLIDÁRIA X ÉTICA CRISTÃ...33	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Apresentamos este trabalho monográfico, resultado das pesquisas que tenho feito ao longo do curso de Licenciatura Plena em Filosofia por esta instituição de ensino, UEPB, a partir dos estudos, da admiração e da curiosidade em entender o pensamento de Albert Camus. Tomamos para nós a responsabilidade de estudá-lo, por entendermos que este seria um dos maiores pensadores e literário do século XX, seu engajamento político, sua recusa em aceitar as condições de miséria, apresentado ao homem pelo mundo, como fome, guerras, etc.(...).

Com idéias revolucionárias, tentou mudar o pensamento pós-guerra da maioria de seus concidadãos, tentou demonstrar que não é por meio da guerra que o homem conseguirá sua liberdade, não é impondo seus desejos aos outros que conseguirá a paz. Apresento este trabalho resultado das pesquisas que tenho feito, ao longo do curso de Licenciatura Plena em Filosofia por esta instituição de ensino, UEPB. O trabalho está dividido em três capítulos, onde os dois primeiros vêm apresentando as teorias apresentadas por Camus em suas obras, para chegarmos ao desenvolvimento de uma ética solidária.

O trabalho está dividido em três Capítulos onde o 1º Capítulo trata inicialmente do Absurdo, que seria a tomada de consciência com relação a condição absurda vivenciada pelo homem no mundo, sua rotina, fazer as mesmas coisas todos os dias, sua esperança de realizar desejos e sonhos, e angústia, de perceber que possui pouco tempo para realizar estes desejos e sonhos. Depois vê o suicídio colocado por Camus como possibilidade, para aquele que não conseguiu se libertar do absurdo.

O suicídio seria um estranhamento existente entre o homem e o mundo, em um dado momento de sua vida, o indivíduo percebe que não faz parte de nenhuma das concepções mundanas, que não se encaixa em nenhum dos meios sociais, sendo excluído da sociedade como um animal, daí surge uma revolta negativa que conduzirá este homem a cometer um crime contra si mesmo.

No segundo Capítulo trataremos da Revolta, do momento em que o homem

consegue ultrapassar o absurdo, e se torna livre, como afirma o próprio Camus o espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível, ou seja, para o homem chegar até aqui ele deve superar todos os obstáculos, deve vencer os medos, deve unir-se ao homem contra aquilo que os nega.

Camus vê a revolta como um tipo de movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e contra a criação dessa forma o homem revoltado se rebela contra sua condição de servo e contra sua condição de homem, nascido numa religião e tendo que respeitar e crer num Deus que ele mesmo criou. Aqui a revolta atingi uma responsabilidade maior, pois vai reivindicar o direito a vida, a liberdade e a igualdade, ou melhor, a garantia de todos estes direitos, vai destronar Deus, e torna-se definitivamente livre, deste tipo de revolta não pode haver nenhum arrependimento, pois tudo já foi consumido, não a como voltar.

No terceiro capítulo faremos uma relação entre a ética apresentada por Camus em suas obras e a ética apresentada pela tradição cristã, um paralelo entre uma e outra demonstrado, ma contradição existente entre o que o cristianismo prega e o que realmente faz. Por outro lado demonstraremos como Camus desenvolve sua ética voltada para a solidariedade e a paz.

Este homem que através da miséria criou obras que são admiradas por todo o mundo, que lutou em defesa dos mais humildes, demonstrou de que só através de uma tomada de consciência o homem pode vencer os desafios, que só através da revolta solidária pode vir-a-ser livre. Aprendemos muito com as lições retiradas dos seus pensamentos; podemos dizer sem medo de errar que sua sensibilidade é tanta que a dor do outro que Ele presenciou, em Duas grandes Guerras e em conflitos regionais, enraizou em sua alma e lhe fez o homem que foi, tornou-se senhor dos miseráveis, tornou-se *Estrangeiro* em seu próprio mundo, cometeu *Equívocos*, ou melhor, enganos de um homem diante do mundo, enfrentou *A Peste* ou a certeza de que vai morrer mais cedo ou mais tarde, houve então *A Queda* caiu diante de se as máscaras usadas pelo mundo para enganá-lo, até que conseguiu chegar e tornar-se um *Homem Revoltado*, foi mal compreendido, motivo de chacotas, de censura, mas não se preocupou pois agora tudo que lhe interessava era o outro, venceu e se tornou o Ser Ético da Revolta Solidária, afirmando o homem e negando, as mazelas mundanas. Este foi Camus, um homem engajado a defender os fracos, engajado na consolidação da justiça e do respeito mútuos.

Para Camus a morte é que conduz o homem a toda esta situação de dor e

angústia, uma vez que, a certeza da morte que é sempre percebida diante do corpo já sem vida, é digna de temor e desespero para aquele homem que planeja e almeja seu amanhã, logo só diante da certeza de que não se esta sozinho é que o homem pode, vir-a ser feliz e realizar parte daquilo que sonhou para sua existência.

Podemos concluir afirmando que Camus trouxe uma nova ideia de união e respeito entre os homens, demonstra através de seus livros a condição que cada ser humano presencia em sua vida, analisa e conceitua o absurdo da existência humana e indica os caminhos que este individuo deve percorrer para superar este absurdo, uma vez que, é isto que Camus busca a superação do absurdo e a afirmação da vida.

CAPÍTULO 1

O ABSURDO

Partindo do pressuposto Sartriano: “*O Homem é perfeitamente livre para deixar um livro sobre a mesa. Mas uma vez que o abra, ele assume uma responsabilidade*”, da mesma forma o homem absurdo de Albert Camus, possui esta “liberdade”, porém uma vez que atinja o absurdo também possuirá a responsabilidade de ultrapassá-lo, de vencê-lo e chegar a um estágio maior, que poderíamos descrever como *amor entre homem e mundo ou união entre aqueles que sofrem as dores do mundo*, visto que o absurdo nada mais é que uma indiferença ao mundo, ao próprio homem e a sociedade, como define Camus em O Homem Revoltado:

O sentimento do absurdo, quando dele se pretende, em primeiro lugar, tira a regra de ação, torna o crime de morte pelo menos indiferente e, por conseguinte, possível. Se não acredita em nada, tudo é possível e nada tem importância, contudo nem pro nem contra, o assassino não está certo nem errado. (CAMUS, A. 8ª e.d. 2010. O Homem Revoltado, P.g 14).

Diante de uma vida onde o ser não consegue desenvolver nenhum tipo de emoção com relação a nada, fica difícil a existência de qualquer tipo de relação amigável com este tipo de sujeito, uma vez que para este indivíduo tudo é possível, o outro não importa ele mesmo não tem importância. Outro exemplo desta condição de indiferença existente no homem absurdo está no livro o Estrangeiro de Camus, *hoje a mãe morreu. Ou ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo.*(CAMUS, A. 2000. Pg 1). Diante da morte da mãe a personagem Meursault não esboça nenhum tipo de emoção, a não ser o descontentamento em ir ver a mãe que morreu, um comportamento no mínimo estranho para os padrões sociais, visto que, a morte de um ente querido sempre traz consigo dor e desespero, perante aquele corpo imóvel, e sem vida. Ora esta é a consequência do

Absurdo, o não importar-se com o outro. Quando Meursault vai ser julgado por ter matado um árabi , também existe uma indiferença com relação a ser condenado ou não: *O Presidente perguntou se eu queria declarar alguma coisa. Refleti. Disse: “Não”*.(CAMUS, A . 2000. P.g 81) Para este homem sua permanência no absurdo o levou a contemplar, ou melhor a aceitar a morte, se recusou a defender-se, não deu a mínima importância ao que acontecia a sua volta, viver ou morrer não faz a mínima diferença. Segue-se que para este homem a realidade de nada tem muito significado, não existe uma consciência, é um homem que não possui ou não desenvolveu nenhum princípio social. Ora diante da certeza de sua morte a personagem de “O Estrangeiro”, Meursault não esboça nenhum arrependimento nenhuma culpa com relação a sua forma de vida, esta completamente só, diante do destino cruel, a morte, mesmo diante do Padre ele nada tem a dizer e isto surpreende o próprio padre que já tinha visto muito homens naquelas condições caírem nos seus pés e implorar misericórdia. *“Não tem então nenhuma esperança e consegue viver com o pensamento de que vai morrer inteiramente?”* __ *“Sim”, respondi eu.*(CAMUS, A. 2000. O Estrangeiro. pg. 81), este é o peso do absurdo, saber que vai morrer e que com isto tudo esta acabado, que nada existirá depois, este peso traz consigo toda crueldade possível, o homem não suporta esta certeza e ao mesmo tempo ele vive para ela, ele a deseja como a uma mulher como uma outra vida.

É este o tipo de homem gerado pelo o absurdo, um ser que não segue ou não possui princípios sociais, estranho a sociedade, um ser anti-social, indiferente as dificuldades e misérias dos outros indivíduos, indiferente as suas próprias dificuldades, um ser cheio de incoerências e incapaz de esboçar qualquer tipo de sentimento com relação ao outro, uma vez que, este é percebido pela sociedade como o ser que não se encaixa as normas e regras sociais, deixando de ser humano para se tornar um “nada”.

A sociedade não consegue enxergar o homem que antes existia, já que, a própria identidade que lhe foi dada não existe mais, se perdeu no momento que este homem toma consciência do Absurdo existente no mundo.

A visão que os outros indivíduos possuem deste homem é repugnante, ele foi excluído do vínculo social. Por motivo de só conseguir ver um animal nojento e repugnante que seu “filho” se tornou, chegando em alguns momentos a planejar a morte do indivíduo que não possui mais as características necessárias para viver no meio social, da mesma forma acontece na obra de Camus, o indivíduo que não se encaixa no meio social, muitas vezes é destruído, como no Estrangeiro, Meursault que é condenado

a morte por não se encaixar ou desconhecer as regras sociais: *a obrigação de Chorar a morte de um ente querido, ou por não obedecer ou reconhecer as regras que lhe foram impostas, é castigado*, Sisífo castigado pelos deuses por não compactuar com seus comportamentos, corruptos, e assim (no caso específico Zeus), *é condenado ao trabalho sem sentido, comete a tirania*, Calígula, que diante da morte de sua amada Drusilla e a “ignorância” por parte dos deuses ao seu pedido de socorro, ele comete as maiores atrocidades para exemplificar aos homens como os deuses os tratam, porém aqui acontece uma inversão de papéis, se antes era a sociedade que não mais enxergava o indivíduo, agora é o próprio indivíduo excluído (Calígula) que não percebe mais a sociedade.

O absurdo também pode ser entendido como o confronto entre fatos e ideias inconciliáveis, de forma que, quanto maior for a proporção das ideias ou fatos que se confrontam, maior a noção de absurdidade, ou seja, o homem perdido diante do mundo que não o ajuda a se encontrar, é levado a um estágio muito alto de solidão e medo, como também, de sonhos e desejos impossíveis de se realizar, devido ao pouco tempo de vida (finitude), ou as dificuldades impostas pelo mundo, como guerras, miséria, fome, doenças. Dentro deste âmbito o indivíduo desenvolve um sentimento de renúncia a este mundo e a tudo que o habita, todavia se revolta contra as ordens que lhes são impostas e tenta a todo custo, destruir tudo e todos, renunciando de certa forma a própria vida, para mostrar ao mundo que pode sim dominar seu futuro.

O homem anseia por conhecimento, ou melhor, o homem possui o desejo de clareza, de querer interpretar e entender o mundo, porém este mundo não se dispõe a ser interpretado, nem “aceita” se abrir para o homem, apenas se apresenta, sendo assim, este homem se vê preso e não pode escolher uma outra forma de vida, pois o mundo sempre irá apresentar uma única opção, onde o homem nascerá, viverá e morrerá, não existe outra ordem. Contudo, o homem no momento que nasce já está sujeito a esta sentença. E é aqui que se encontra o problema, *morrer*, pois mesmo aquele que opta por esta sentença, mesmo assim, o faz por renúncia a ela, pois tirar a própria vida é uma forma de demonstrar que possui o seu destino nas próprias mãos.

A angústia do homem está nesta certeza “morrerei”, mas partindo do princípio de que não se sabe o dia nem a hora desta confirmação, a dúvida e a incerteza podem levar a um desespero terrível, pois não saber em qual momento a vida terá seu fim, conduz o homem a uma vigília infinda que muitas vezes será cansativa e humilhante, além de conduzir o homem a um processo de indiferença e caos, quando ele não sabe

qual caminho seguir, este é o absurdo, é aqui que está o maior desafio humano, vencer esta certeza e chegar a liberdade prometida. Mas o caminho não é tão simples, contudo, o mundo se encarrega de destruir tudo que possibilite um conforto à existência, a esperança, as paixões, os sonhos, tudo isto se transforma em dor, desespero e angústia, visto que, ele (o mundo) não deixará que esqueçamos da finitude, todos os dias ele coloca diante do homem esta certeza irrevogável, através do tempo que nunca cessa e não tem piedade de ninguém .

O homem absurdo quer viver sem abdicar de nenhuma de suas certezas, sem dia seguinte, sem esperança, sem ilusão, e também sem resignação. Fixa a morte com uma atenção apaixonada, e esta fascinação liberta-o, ou seja, *conhecer a disponibilidade do condenado a morte, tudo é permitido, visto que, Deus não existe, e visto que se morre* (CAMUS, A. 2000. Mito de Sisífo), dessa forma todas as experiências são equivalentes, convém somente adquirir a maior quantidade possível delas, ou seja, viver muito, não importa se bom ou ruim, uma vez que o importante é a quantidade de vida que viveu não a qualidade, pois não adianta viver bem, mas pouco, e é isto que importa para Camus, Viver. Pois seu futuro não existe, você já está condenado a morte, seu amanhã não lhe pertence.

Este homem absurdo não possui uma consciência voltada para o amanhã, uma vez que, tudo é permitido, *fumar um cigarro ou matar um homem, desejar uma comida ou uma mulher, se tornam a mesma coisa*(CAMUS,A. 2000. Mito de Sisífo), possuem o mesmo significado.

Esta indiferença pela vida e pelo outro é o problema acarretado pelo absurdo, problema este que Camus revela em seus livros, no Estrangeiro com Meursault, e sua indiferença perante sua morte, perante a morte de sua Mãe, em Sisífo na indiferença perante os deuses, em Calígula, na indiferença a dor dos homens, em O Equívoco, na indiferença de Marta ao afirmar que matou seu irmão, todos estes revelam o estado de absurdidade vivido pelo homem, para este Ser (homem absurdo) não importa viver, morrer, ser feliz ou infeliz, tudo é a mesma coisa, tudo constitui o mesmo horizonte, tudo faz parte do mesmo homem, que morrerá, mais cedo, ou mais tarde, isto é a indiferença, característica fundamental do Absurdo.

Partindo disto voltamos a afirmação anterior, o homem absurdo pode em alguns casos se tornar um ser anti-social, homem distante do homem, sem valores, sem propósitos, não possuindo espaço para relações entre os interesses e necessidades sociais, assim, não se preocupa com suas responsabilidades morais, sendo movido

apenas por impulsos e instintos básicos, além de possuir uma racionalidade extremamente egoísta. Um ser mesquinho, animalesco que não dá garantias a sociedade, um homem perigoso que a qualquer momento pode cometer uma barbárie. Podemos retomar o exemplo de O Estrangeiro, pois Mersault é este homem que não dá garantias á sociedade, já que esta, por sua vez, possui regras próprias que devem ser cumpridas custe o que custar, e por esta razão ela o mata, por receio que este venha a cometer outro crime banal, pois como já foi observado ele não reconhece as regras sociais, não possui o limite que todo homem tem (a morte), está banhado pela indiferença a si próprio e aos outros, isto acarreta um perigo, como afirma o próprio Mersault lembrando as palavras do Promotor, ou Advogado de Acusação:

Um homem que matava moralmente a mãe devia ser afastado da sociedade dos homens. Declarou que eu nada tinha a fazer numa sociedade cujas regras mais essenciais desconhecia e que eu não podia apelar para o coração dos homens, cujas reações elementares ignorava..(Camus, A.2000. O Estrangeiro. Pg 71).

Podemos dizer que seria como se um animal selvagem estivesse solto em meio uma multidão, os homens que possuem o poder e ainda seguem as leis não podem deixar um homem com estes instintos animalescos solto.

Camus interpreta o absurdo também de outra forma, quando o homem compreende a situação paradoxal da condição humana *tenho sonhos, mas não tenho tempo para realizá-los*, se torna consciente desta certeza, se torna escravo desta sentença, reconhecendo seu papel perante a sociedade, que seria de lutar contra a servidão, a mentira e o terror causado pelo mundo, e por esta certeza, ele busca uma cumplicidade com o homem, exercendo assim uma luta contra o próprio destino humano (morte). Este ser aceita a responsabilidade frente à verdade que leva consigo: a da revolta consciente, *é preciso perceber o homem feliz*, mesmo com todas as dificuldades, mesmo sofrendo, uma vez que, este homem tem consciência de sua condição, não se ilude com o futuro, sabe que não vai ser feliz, mas vive, ama, deseja continuar neste mundo, que a todo momento tenta negá-lo, *a negação do mundo não é nada comparado a incerteza da morte* . Entretanto, é esta a única verdade que importa para este ser absurdo revoltado. Esta revolta é moralizante, repleta de harmonia, respeito e compromisso perante o homem, a sociedade e o mundo. Contudo, não é uma mera

situação inevitável ao homem como o Absurdo, é um caminho a percorre, difícil de ser encontrado, dolorido, cruel, chegar a Revolta é a parte mais complicada do pensamento Camusiano, é quando o homem se torna dono de si e do seu destino, capaz de responder todas as perguntas que o mundo não quis, ou não soube responder.

Mas qual é a diferença entre um tipo de Absurdo e outro?

Podemos chamar o primeiro tipo, de Absurdo Niilista, pois possui um caráter próprio, *não necessitando de nenhum outro ser para sua realização, ou sobrevivência*. Portanto, possui como lógica a simples constatação: *Se nada é verdadeiro nem falso, bom ou mau, a regra será mostrar-se o mais eficaz, quer dizer o mais forte. O mundo não estará mais dividido em justos e injustos, mas em Senhores e Escravos.* (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado, pg 16). O segundo podemos chamar de Absurdo Positivo, pois busca uma libertação, toma consciência de que seus medos e dores não são só seus, mas de todos os homens. Como em O Estrangeiro quando Meursault afirma que: *“só um destino podia eleger-me a mim próprio e, comigo, milhares de privilegiado, que diziam como ele, ser meus irmãos (...). Toda gente é privilegiada. Só havia privilegiados. Também os outros seriam um dia condenados.”*(CAMUS,A. 2000.O Estrangeiro. Pg 84) ou seja, mais cedo ou mais tarde todos morrerão também.

ABSURDO NIILISTA OU NEGATIVO

O homem que o constitui ressurge na sociedade, ou melhor cria sua própria sociedade, vive em repleta solidão, não acredita no mundo, não acredita no homem, nem em si mesmo, esta só, abandonado por todos, cria sua própria ética, sua própria moral, não se importando com as necessidades dos outros, uma vez que, o outro agora é inimigo. Assim, reina a uma completa e dilacerante indiferença, diante do mundo, de si mesmo e do outro, nada importa, seus sentimentos estão repletos de “*Nadismos*”, logo sua felicidade é ao mesmo tempo sua tristeza e sua monotonia, tudo esta misturado, possui ao mesmo tempo vários e nenhum sentimento, viver é um peso, mas morrer é algo impossível de ser concebido, mesmo desejando isto, este ainda não possui o poder suficiente para tomar tal atitude, por que seu desejo está no mesmo patamar de todos os outros sentimentos; sendo assim, o desejo de morrer em si não existe, o que existe é uma mistura de desejos, ou melhor de várias indiferenças, que podem tornar possível a sua morte.

Este Niilismo absurdo possui outro tipo de revolta, aquela exercida contra os

homens, o mundo, a sociedade e se mesmo. Não pode e não é feliz, pois não faz questão de ser, como já foi dito, para este homem “*fumar um cigarro e matar um homem é a mesma coisa*”, devido a sua ética, a seu mundo, que é único, e difícil de ser entendido por todos os outros seres, como afirma Emanuel Ricardo Germano em sua tese :

No *ambiente* absurdo esboçado por Camus encontramos o espanto do homem comum diante da indiferença generalizada, bem partilhada entre homens e natureza. É o homem comum, somos nós, que sofremos um desvelo repentino de lucidez frente ao automatismo cotidiano e a quem subitamente se revela o *mal-estar* de viver (GERMANO, Emanuel Ricardo .2007. O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus , pg 153)

Esta lucidez diante do mundo conduz o homem a um desespero que é a própria condição absurda: *Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo (...). Um belo dia, surge o «porquê»...*(CAMUS,A. 2000. Mito de Sisífo, pg 106), e é este por que colocado por Camus no Mito de Sisífo que conduz o homem a tomar consciência de sua condição e de contemplar pela primeira vez o absurdo de sua existência.

Por outro lado existe a liberdade dos sonhos, dos desejos, das fantasias, que conduzem o homem a pensar e querer outro mundo, a desejar com todas as forças outra vida. Este dualismo de querer, de sonhar e desejar, e o que o mundo lhe oferece realmente, é a razão que conduz sempre a um conflito, entre este mundo individual que o homem deseja e o social que é obrigado a aceitar, todavia, surge disto todas as dificuldades, angústias e desespero vivenciados por este homem. Chegando a um momento final, seu ápice, onde este indivíduo esgotado de todas as forças, assume a derrota perante o social, se entrega as consequências de ter elevado ao máximo sua liberdade, contudo, não possui outra certeza se não a morte, e não à nega, pois é inevitável. Exemplo disto está na personagem de O estrangeiro, onde Mersault é condenado a morte e tendo a possibilidade de defesa, recusa, pois não tem nada a dizer em sua defesa, ele continua apegado a sua ética, a seu mundo, estando envolvido e preso no seu universo, sua ética o proíbe de inventar qualquer justificativa que possa aproximá-lo dos demais homens. No entanto seu julgamento será o julgamento de um homem que pensa e age de forma única. É condenado não pelo seu crime, mas por não

demonstrar-se humano como os outros, por não chorar nem demonstrar sentimento no velório de sua mãe, tudo isto devido a sua ética, que não nega a morte, a venera e idolatra. O homem do Nihilismo Absurdo assim como Mersault não possui a capacidade de arrepender-se ou de encenar uma defesa falsa em juízo, ou diante da sociedade pelo simples fato de que não faz questão de ser inocentado. As ameaças sociais são incapazes de atingi-lo ou reformá-lo. Podemos dizer que este indivíduo é um ser vazio, de sonhos, amores, desejos, medos, um ser completo de solidão e desespero, que não possui nenhuma emoção que se possa reconhecer como ser humano. E assim podemos descrever a personagem de O Estrangeiro, não afirma seu sofrimento, é exatamente honesto diante de suas emoções, pois simplesmente não as possui. Por fim é condenado por não ceder às artimanhas e desculpas sociais, é condenado por manter-se fiel a sua ética, a suas verdades. Ele já foi julgado antes de seu próprio julgamento, e condenado antes mesmo de se submeter ao júri, tudo não passou de uma encenação, pois um homem como Mersault não pode existir na sociedade, visto que, pode influenciar outros homens a se tornarem iguais a ele, um ser que não aceita as regras básicas sociais, não possui sentimentos perante o outro, um “mostro”, ou melhor um homem que se metamorfoseou-se aos olhos da sociedade num monstro terrível, capaz de destruir todos os homens, pois não possui uma sequência que seja reconhecida pelos outros indivíduos.

Podemos definir da seguinte forma o homem que se encontra no Absurdo Niilista: este ser sempre entrará em confronto com a sociedade, pois de um lado temos uma sociedade onde não existe espaço para que pense, ou viva diferente, e do outro um homem que em sua vida não abre espaço para a sociedade, ou seja, uma sociedade opressora batendo de frente com um homem também opressor que segue ética e moral próprias.

O verdadeiro problema enfrentado tanto por Mersault, quanto por qualquer outro homem é uma sensação de perda, um “divórcio” existente entre homem e mundo, seria como dois desconhecidos, um diante do outro e ambos não possuíssem nenhum meio para se comunicarem, ou seja, tudo aquilo que antes justificava um sentido a vida humana desaparece como afirma Emmanuel Ricardo Germano: *desbota repentinamente o verniz de sentido com o qual o automatismo dos hábitos revestia o cotidiano*(GERMANO, Emmanuel Ricardo.2007 O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus , pg 153), ou seja, todas as ideias que o homem pensava serem verdadeiras se tornam ilusões, sonhos. Dessa forma o homem

diante de tudo aquilo que acreditava, percebe que nada tinham de certas, e vê diante de si toda a inutilidade de que faz parte (trabalho, sonhos, dinheiro, perspectivas) todas as coisas que lhes foram impostas pelo mundo para torná-lo moderadamente feliz.

É neste tipo de absurdo que surge a indiferença, e é desta indiferença que surge o Suicídio, este caminho demonstrado por Camus, como possibilidade, mas não como sentença. É possível devido a própria condição do absurdo, mas não é certo, pela mesma razão absurda, que seria, o absurdo, sendo assim, nasce com a vida, e o suicídio seria nada mais que a negação da vida e do próprio absurdo:

A conclusão última do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo.(CAMUS,A 2010. 2010. O Homem Revoltado. pg. 16)

Esta “*possibilidade*” colocada por Camus é algo definitivo que nega qualquer possibilidade de arrependimento, possui uma única verdade, um único momento e isto é impossível, pois o próprio Camus afirma que na vida não existe “*verdade, mas sim verdades*”, e este caráter drástico que emana do Suicídio não pode ser compactuado.

SUICÍDIO

O suicídio parte de um princípio bem simples em sua origem: o estranhamento existente entre o homem e o mundo, em um dado momento de sua vida, o indivíduo percebe que não faz parte de nenhuma das concepções mundanas, que não se encaixa em nenhum dos meios sociais, assim o homem se torna só, perante o mundo, e dessa forma se torna um alvo para este mundo testar suas pestes e vícios. Este indivíduo em completa solidão, contudo, não consegue escapar das armas colocadas, medos desejos angústias, e acaba por perece e antecipar seu fim, mas este adiantamento pode ser visto no final como a afirmação de um desejo seu, que independe do mundo ou de uma revolta contrária ao desejo mundano, visto que, a única certeza que temos: é a da morte, e a todo o momento nos chocamos com este futuro.

Diante deste âmbito, ao cometer suicídio o homem diz não ao mundo, mostra a ele que pode e é dono de sua vida, escolhe morrer para mostrar que poderia viver,

escolhe o fim para mostrar seu espírito revolucionário, mesmo por que para este homem não se perde muita coisa morrendo, uma vez que, ele é um Estrangeiro no mundo, no entanto, não faz parte de nenhum segmento social, não se encaixa em nenhuma vertente ideológica. Este ser que é ao mesmo tempo estrangeiro no tempo e espaço firmados pelos outros, se sente fora dos padrões, que antes este mesmo indivíduo acreditava serem reais, não possui mais valores, tudo é possível e “necessário”, este ser vive com a condição do Absurdo, logo será capaz de matar ou morrer, logo será perigoso para todos os outros. Este é o homem descrito no Estrangeiro, e em outros livros como no Equívoco com Marta, a mulher que não possui remorsos diante de todos os crimes que cometeu inclusive a morte do próprio irmão, tudo parece tão fácil para estes sujeitos, como afirma a personagem: *Depois de muitos anos, esta é a primeira manhã em que respiro. Nunca uma morte custou tão pouco*(CAMUS, A.O Equívoco. pg. 261), tudo em função de um sonho, *já ouço o som do mar e há em mim uma tal alegria que minha vontade é gritar*”, sem arrependimentos, nem culpas, nem quando sabe, que o homem que acabará de matar era seu irmão, *O homem que ontem de manhã se alojou aqui é o seu irmão de que há muitos anos não ouvia falar.*__ *Não me dá novidade nenhuma.*(CAMUS, A. O Equívoco. pg 276).*Matamos seu marido esta noite para lhe roubarmos o dinheiro, como antes dele já fizemos com outros viajantes*(CAMUS, A. O Equívoco. pg 278). Mas por que este ser que permanece no Estado Absurdo é tão perigoso? Quais são as razões que conduzem Camus a demonstrar que a permanência no Absurdo é tão perigosa para o homem? Por que ele coloca esta permanência, unida ao Suicídio? Podemos dizer que este homem Absurdo, não possui mais características fraternas, não reconhece nenhum sentimento humano, não possui mais nenhuma ligação com os outros sujeitos, Marta diante da dor de Maria mulher de seu irmão diz isto de forma bem clara, *“Eu não percebo bem palavras de amor, de alegria, ou de dor”*. Um sujeito que conhece e respeita apenas seus instintos incapazes de amar, de chorar ou de sentir qualquer outro sentimento é perigoso e nocivo numa sociedade.

Mas Camus demonstrar que sempre existe algo que aproxima estes sujeitos do resto a humanidade, algo que faz estes *Homens* permanecerem no Absurdo e saírem deste também, a MORTE, só esta é capaz de comover qualquer indivíduo, seja este seguidor do Absurdo Niilista ou Revoltado. Temos como exemplo Mersault quando esta preste a ir cumprir sua sentença ele consegue a libertação do Absurdo, ele se ve livre de todo tormento do mundo,

Como se esta grande cólera me tivesse limpo do mal, esvaziado da esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu abria-me pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por o sentir tão parecido comigo, tão fraternal, senti que fora feliz e que ainda o era. (CAMUS, A. 2000 O Estrangeiro. pg.85).

O homem que não conseguiu nem chorar no velório da sua mãe percebe que foi feliz, reconhece a beleza do mundo, e a ama. A morte é o ápice de toda a vida humana, é o momento de união entre o homem e o mundo, é no fim de tudo que o homem percebe o quanto de tempo perdeu se perguntado ou questionado por coisas vãs, sem significado ou sentido para sua vida. É isto que Camus tenta demonstrar? Podemos dizer que sim, pois Ele mesmo afirma que o importante na vida é viver, não importa se bom ou ruim, o importante é viver, muito, o máximo possível, todo o resto é insignificante.

O Suicídio fazer parte da condição absurda vivenciada pelo homem, aconteceria no dado momento em que o indivíduo que num primeiro momento tomou consciência de sua condição diante do mundo, num segundo tome consciência de sua situação perante este mesmo mundo, no primeiro seria um ser cheio de cólera e desespero, capaz de praticar o mal contra se mesmo, num segundo seria um ser livre e em paz consigo e com todos a sua volta. Dessa forma e tomando como base Mersault, podemos dizer que, o homem diante do seu fim sempre conseguirá de um jeito ou de outro a Revolta, pois perceberá que tem muito tempo, quando se sabe o que fazer com ele.

Ora se partimos do princípio de que a vida cria trapaças, como falsas esperanças e truques que mascaram o sofrimento e a angústia. Camus propõe uma análise acerca desta vida e mais precisamente deste homem que tenta escapar do absurdo por meio destas ilusões ou pelo próprio suicídio.

O Suicídio não é outra coisa se não projetar a esperança imediatamente, porém o absurdo é a ausência de esperança e aí surge outro problema , pois criar esperança é projetar um futuro, porém o homem não possui futuro devido ao seu caráter finito, ou seja, o homem morre e com isto não pode planejar nada a longo prazo, devido a esta máxima.

Por esta razão, o suicídio, com já foi frisado antes é a solução definitiva e drástica para o problema da existência, ele seria, portanto o extremo limite da aceitação da morte e da negação do absurdo e conseqüentemente da revolta que sempre significa o eterno confronto, uma vez que, o suicídio seria o caminho tomado por aquele homem

que não tem mais forças para lutar contra as dificuldades criadas pelo mundo, e que permaneceu muito tempo no absurdo, pois como já foi dito o absurdo é apenas o elo que liga o homem e a revolta, uma vez que, seria impossível para qualquer indivíduo permanecer muito tempo nesta separação, neste estrangeirismo, neta indiferença com o mundo e consigo mesmo, logo quando isto ocorre no absurdo o desfecho seria conseqüentemente o próprio suicídio ou o retorno ao mundo dos sonhos ou a “Caverna”, não existe outro caminho.

Por outro lado a história nos mostra que o suicídio ou a morte não é uma alternativa, vimos muitos homens abdicarem de suas verdades quando colocados diante desta escolha, um exemplo que Camus usa é Galileu,

que possuía uma verdade científica importante, mas abjurou com a maior das facilidades deste mundo, logo que tal verdade pôs a sua vida em perigo. Fez bem, em certo sentido. Essa verdade não valia a fogueira. Qual deles, a Terra ou o Sol gira em redor do outro, é-nos profundamente indiferente. A bem dizer, é um assunto fútil. (CAMUS, A. 2000. Mito de Sísifo. pg. 18)

Podemos entender aqui que diante da extinção, o homem abdica tudo aquilo que acredita em prol de continuar vivo.

O que faz os homens escolherem viver ou morrer? O que leva alguém adiantar aquilo que é sua única certeza? Se percebe um padrão, os homens necessitam de atenção, precisam do outro para serem felizes, e o suicídio seria o grito desesperado de atenção, daquele homem que não possui mais força para lutar contra o mundo, seria a demonstração de que este não conseguiu vencer, mas ao mesmo tempo deixa um caminho para que outro possa percorrer, mostra como o outro deve fazer para não cair na mesma solidão e angústia que este.

O suicídio não é uma alternativa muito coerente, pois nega a vida, mas ao mesmo tempo podemos dizer que afirma o homem, visto que, sua revolta mesmo que negativa conduz o homem a um domínio completo de sua natureza, ele é dono do seu destino, não possui medo do futuro (aqui entendido como a morte), pelo contrário se entrega a ele com todas as forças, isto por que como já foi dito Deus não existe mais, e tudo é permitido. Esta verdade possui em si uma liberdade incrível, porém ao mesmo tempo uma responsabilidade enorme, pois o homem não possui mais as respostas que esta sentença trazia consigo, como uma vida após a morte, ele está só, tem que buscar

outro caminho, outro jeito de viver, e o suicídio seria, podemos assim dizer, uma forma que alguns homens encontram para mostrar aos outros que este caminho não é o melhor, que possui falhas. Uma forma bem peculiar, de demonstração, segundo Camus seria:

vejo que muitas pessoas morrem por considerarem que a vida merece ser vivida. Outros vejo que se fazem paradoxalmente matar pela idéias ou pelas ilusões que lhes dão uma razão de viver (o que se chama uma razão de viver só ao mesmo tempo uma excelente razão de morrer). (CAMUS,A.2000. Mito de Sísifo. pg. 18)

Parece um pouco estranho, contrário a vida, mas é justamente pela falta de resposta, que o homem tenta a todo o momento inventar alternativas para sua existência, por esta razão Camus não descarta a possibilidade do suicídio.

Em resumo o homem ama tanto a vida que diante deste mundo cruel, miserável e infeliz prefere a morte a continuar, vivenciando toda esta desgraça.

Se o Absurdo tem início com o “por que” é pelo fato de que o universo humano foi privado das luzes ou ilusões que familiarizavam este ser com o mundo. O que ocorre é um divórcio entre homem e mundo, entre os desejos humanos e o que o mundo lhes oferece, acontece uma quebra entre “ator e seu cenário”, fazendo desabar todo o mundo que este homem acreditava existir, sua única certeza é que esta só, num mundo de sofrimento, este é o problema, o “por que” traz consigo todo peso da dúvida, toda a angústia da espera, e todo o sofrimento da certeza. Quando fica só o cenário parece bem mais apavorante, as noites mais longas, a vida vai sendo bombardeada por questões antes impensadas, tudo vai se tornando mais terrível, até chegar o momento final, o fósforo que acenderá a bomba, surgindo assim à explosão que destruirá a existência do homem. E tudo devido a solidão, deve ser por isto que Camus, demonstra como saída para este fim a revolta, que seria a afirmação do homem contra tudo aquilo que o nega e destrói, união ao homem, harmonia entre os seres humanos, será que é isto o que basta para o ultrapassamento do absurdo, valorizar e amar o homem, vencer as falsas esperanças, destruir a solidão para acabar com o caminho final, a última cartada, o *suicídio*.

Seria este o caminho? Não podemos responder sem nos perguntarmos primeiro pelo “porque” e sem passarmos pela solidão e silêncio imposto pelo mundo. Logo não podemos chegar ao estado de afirmação da vida sem passar pela certeza da morte, para

o homem vencer, ele deve sempre estar diante desses dualismos, para ser feliz o homem deve primeiro ser triste, pois a tristeza e felicidade não são estados diferentes, mundos opostos, como pensam a maioria, eles estão interligados, um depende do outro para se realizar, do mesmo jeito viver e morrer estão.

Para darmos valor a vida, devemos primeiro passar pela experiência da morte, no sentido de perceber na morte do outro a possibilidade que podemos ser os próximos. Devemos ter a certeza de que não podemos vencê-la e que a qualquer momento podemos ser o próximo. Esses dualismos fazem parte de nossa existência, e Camus os percebe, os aponta, demonstra em suas obras, coloca diante de seus leitores, todos os problemas que eles vivenciaram ou vivenciarão mais para frente, são todos inevitáveis, é impossível passar pela vida sem se deparar com algumas das questões abordadas por Camus em suas obras, um autor atual que mexe com as emoções dos seus leitores, que faz com que suas personagens exerçam interação com aqueles que se ariscam ler sua Obras.

Isso tudo ele consegue, partindo do processo, que surge com a pergunta “Por que” ou tomada de consciência do homem com relação a sua condição de miséria que seria denominada pelo Absurdo da existência, passando pela renúncia do “SUICÍDIO”, ultrapassando o “ABSURDO” e chegando mesmo ferido no final apoteótico “A REVOLTA”, só através desta é que o homem consegue vencer todos os obstáculos, colocados pelo mundo.

ABSURDO POSITIVO

A segunda forma de Absurdo seria a Positiva ou Revoltada, esta possui a responsabilidade de unir-se ao homem contra aquilo que o nega, para destruir e vencer o seu destino (Morte).

Este tipo de absurdo difere do outro, principalmente pelo seu principal objetivo, de nunca abandonar o homem, visto que, a condição humana é sempre de submissão perante o mundo, pois as experiências vivenciadas perante este(mundo) serão sempre de sofrimento e dor, morte e desespero, e isto reduz a nada todas as pretensões humanas de infinidade, ou seja, todos os seus sonhos e desejos sempre se chocam, com a falta de sentido de sua existência, que esta relacionada principalmente com o silenciar do mundo para questões perguntadas pelo próprio homem, questões que tem a ver com sua

existência. E com estas dúvidas a vida se torna mais difícil, em outras palavras, se o homem não consegue compreender o mundo ele não pode e não irá ser feliz, pois existem muitos dilemas e conflitos que não podem ser respondidos nem evitados pelo homem a não ser por meio do mundo, da mesma forma que este homem não pode afirmar a certeza de nada a não ser de sua própria morte, e neste silêncio despropositado do mundo, neste calar-se perante estas questões, o homem fica sem chão, falta a âncora para prender este ser as coisas que davam-lhe sentido. São estas coisas que o Absurdo Positivo vai combater, sua luta é contra este mundo insano, que não respeita e não ama o homem, que mata, prende, destrói e mina seus sonhos, corroí seus alicerces, tornando-o a deriva perante o oceano de possibilidades.

O absurdo nasce da necessidade do homem por explicação, não possui uma razão de ser, um motivo ou causa, tudo é inexplicável, apenas surge das necessidades e das dúvidas humanas.

Por outro lado existe outra questão importante tratada por Camus, este homem sozinho, possuidor de um mundo próprio, residente no Niilismo Absurdo, só possui duas alternativas para seguir, por um lado aceitar sua condição *recuar perante o absurdo* e agarram-se a fantasias da tradição (religião, esperança), ou revoltar-se de forma negativa renunciando o mundo, a sociedade e em si mesmo, afirmando o desapego a vida e assim confirmando o Suicídio. Porém existe ainda outro caminho que como já foi dito parte da humanização do homem, da união dos seres contra tudo que o nega e principalmente contra a morte.

Camus trata do suicídio apenas como possibilidade, mas para ele não podemos vivenciá-lo, visto que,

o raciocínio absurdo, depois de tornar o ato de matar indiferente, termina por condená-lo em nome do valor da vida, e, para que aquela confrontação desesperada entre o apelo humano e o silêncio do mundo seja mantida, é necessário que a consciência permaneça viva. (RAMOS, Flamarion Caldeira. 2007 ABSURDO E REVOLTA EM ALBERT CAMUS, pg181)

ou seja, o absurdo nasce da tomada de consciência do homem diante de sua condição de miséria, logo só é possível com a vida, de outra forma ele (absurdo) se perde ou é destruído, dessa maneira, o suicídio não é para Camus um caminho a ser seguido, é uma possibilidade, do homem que viu seus cenários desabarem, e não possuiu forças suficiente para ultrapassar o primeiro estágio do absurdo. Para Camus o absurdo é

apenas um túnel, que o homem irá percorrer até enxergar a luz que esta no seu final, e esta seria a própria Revolta, sendo esta solidária e humanizada, assim podemos entender o absurdo como a gênese da revolta, onde para entender a revolta devemos primeiro compreender o absurdo, os sentimentos que estão na sua base, as consequências que dele advêm, só assim podemos chegar ao ápice da Revolta e a harmonia necessária (consigo mesmo), para unir o homem à sociedade contra tudo que os nega.

Por outro lado temos que entender o que seria este absurdo negativo que confirma o Suicídio. Ora como já foi dito, este seria na verdade a própria negação do absurdo, ou seja, renunciar a única evidência verdadeira que está ao nível do humano, a única saída para o homem que busca uma razão de ser no mundo. A renúncia desta verdade pelo homem afirma a possibilidade do Suicídio, que para Camus pode ser tanto físico: a morte; Quanto espiritual; apelar a princípios transcendentos inventados pela tradição. Dessa maneira a Revolta Positiva possui um papel fundamental para, a união do homem no mundo, só através desta é que o homem conseguirá sua tão sonhada liberdade.

2º CAPÍTULO

REVOLTA

A revolta parte do princípio de uma união do homem com o próprio homem, mas para se chegar a este estágio o indivíduo deve superar todos os obstáculos, deve ultrapassar o Absurdo, vencer as falsas esperanças, superar as ilusões criadas pela tradição, deve destruir tudo aquilo que o oprime, que de alguma forma pode destruí-lo, e só assim chegar a revoltar-se. Camus define a Revolta como:

Espectáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível. Mas seu ímpeto cego reivindica a ordem no meio do caos e a unidade no próprio seio daquilo que foge e desaparece. A revolta clama, ela exige, ela quer que o escândalo termine e que se fixe finalmente aquilo que até então se escrevia sem trégua sobre o mar. Sua preocupação é transformar. Mas transformar é agir, e agir, amanhã, será matar, enquanto ela ainda não sabe se matar é legítimo. Ela engendra justamente as ações cuja legitimação lhe pedimos. É preciso, portanto, que a revolta tire as suas razões de si mesma, já que não consegue tirá-las de mais nada. É preciso que ela consista em examinar-se para aprender a conduzir-se. (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado. pg. 21)

Mas como o homem pode chegar a isto? Como ele pode vencer os obstáculos criados pelo mundo? Como conduzir a revolta ao nível que esta tire de si mesma as razões para sua existência? Como chegar ao nível de consciência necessário para vencer seus medos? Como o homem pode conceber uma vida sem esperança e ao mesmo tempo possuir um desejo irrevogável de viver? São estas as questões a serem respondidas por todos que desejam vencer o absurdo, que desejam uma vida repleta de harmonia, que desejam chegar ao espetáculo construído pela revolta.

Ora, se o absurdo nasce do silêncio produzido pelo mundo, com afirma Camus, *“A absurdidade perfeita nasce do silêncio”*, e sendo este o silêncio do mundo com relação ao “por que” vindo da existência humana, logo se o homem pergunta e obtém a resposta o mundo torna-se compreensível e o absurdo desaparece.

A revolta nasce justamente de outro tipo de sentimento, daquele advindo da certeza de que em algum lugar ou algum momento *“se tem razão”*, por esta razão o revoltado não é, e nem pode ser um homem com certezas, com ideologias, mas sim um homem que sempre afirmará ao mesmo tempo o sim e o não, que sempre vivenciará estes dois, esta duas possibilidades. Contudo ele demonstra confiança, como também força de vontade de vencer os obstáculos criados pelo mundo. Como afirma Camus *“Ele demonstra, com obstinação, que traz em si algo que 'vale a pena...' e que deve ser levado em conta”*. Se no absurdo existe uma busca pelas respostas, na revolta estas respostas serão feitas pela própria revolta, que buscará responder, ou tirar todas as dúvidas humanas, visto que, esta resposta terá uma grande influência na nossa vida, ela nos dará uma razão de viver, um motivo para sermos felizes, porém esta felicidade é falsa, uma vez que, não podemos dizer felicidade, visto que esta é apenas mais uma fantasia criada pela tradição e pertence a outro mundo e não a este âmbito em que vivemos e sofremos.

A felicidade representa apenas um momento, um segundo, um milésimo, um décimo de toda a vida, mesmo aquele que viveu duzentos anos teve apenas alguns segundos de felicidade, que pode lembrar e ter saudades, todavia estas lembranças trazem mais sofrimentos, pois não voltaram mais, isto é a felicidade na vida humana, uma miséria que torna o homem ainda mais infeliz.

A revolta seria a harmonia entre o desejo de ser feliz e a impossibilidade de sua concretização, sendo assim esta tomada de consciência, tão falada por Camus é que conduzirá o homem ao verdadeiro sentido de liberdade. Mas que tipo de liberdade seria

esta, como poderíamos identificar esta em meio a tantas outras declamadas em outros discursos? Seria a liberdade de escolha, de possibilidades, antes inexistentes devido a “neblina” provocada pelo mundo, possibilidades relacionadas com a maneira de viver, de agir e de pensar, pois como sabemos, todas estas possibilidades já nos são impostas assim que nascemos. É para isto que a revolta conduz, este momento, esta tomada de decisão, esta possibilidade de escolher seu futuro, é onde o homem revoltado atinge seu ápice, é onde ele afirma sua própria natureza, é o momento que se torna homem.

Podemos ver a revolta como o grito de um homem que não aguenta mais tantas ordens, que não suporta mais realizar desejos que não são seus, como afirma Camus:

O escravo se insurge, por todos os seres ao mesmo tempo, quando julga que, em face de uma determinada ordem, algo dentro dele é negado, algo que não pertence apenas a ele, mas que é comum a todos os homens. (CAMUS,A 2010. O Homem Revoltado. Pg 28)

Não precisamos ir longe para percebermos o que Camus tenta demonstrar aqui, o mundo bombardeia os seres humanos todos os dias com falsas esperanças, medos e dores, tiraniza seus desejos, conduz o homem a uma vida de servidão e angústia, uma vida sem passado nem presente, mas em busca de um futuro, sem passado por que não disponibiliza de tempo para lembrar deste, sem presente por que está muito ocupado para perceber tudo a sua volta, e em busca de um futuro por que sonha e almeja por dias melhores, e a partir daí cria expectativas que muitas vezes não serão realizadas, e com isto volta ao estágio antigo de dor e desespero por não poder realizar seus sonhos. Todo este ciclo é percebido por Camus, demonstrado detalhadamente em cada obra sua, analisado com calma, para por fim demonstrar a solução, que seria a própria Revolta, este sentimento que traz consigo toda a liberdade de escolha. Porém não nos enganemos, este tipo de liberdade possui em si toda responsabilidade adquirida com a descoberta da revolta, o homem não pode vivê-la sozinho, excluído do outro, pelo contrário, esta liberdade só será verdadeira diante do outro homem, pois a revolta retira o homem de sua “*suposta solidão, fornecendo-lhe uma razão para agir*”, uma resposta para suas dúvidas, um caminho que o indivíduo exausto de tanto apanhar do mundo possa percorrer sem medo de que no meio dele descubra que tudo não passa de um labirinto, chamado: mundo.

O homem revoltado diz não, a toda condição de miséria. Mas este “não” não é

uma simples renúncia a alguma questão vivenciada pelo homem, é na verdade um basta, a toda escravidão, a toda ordem mundana. Como afirma Camus; *Qual o significado deste não? (...). As coisas já duraram demais. Até ai sim; a partir daí, não. Assim já é demais. Há um limite que você não vai ultrapassar.* (CAMUS, A. 2010.O Homem Revoltado. Pg 25). Este homem afirma o limite, aceitável, e quando este é ultrapassado então a revolta é o único remédio. Dessa forma a revolta surgiria deste limite, deste grito de “basta” produzido pelo homem usando suas últimas forças, contra tudo aquilo que busca negá-lo e destruí-lo.

Se antes o homem calava-se cometendo um erro, sendo cúmplice de sua própria desgraça, como afirma Camus: *Calar-se é deixar que acreditem que não se julga, nem se deseja nada* (CAMUS, A. 2010.O Homem Revoltado pg 26) agora ele grita, luta por seu espaço, deseja e reivindica tudo, porém desejar tudo é na verdade uma forma de desespero e absurdo, visto que, *o desespero, como o absurdo, julga e deseja tudo, em geral, e nada em particular.*

Uma explosão de desejos e ao mesmo tempo de angústias, é sentida neste instante pelo homem, entrando em choque com os dois momentos de sua nova vida, no primeiro caso (desejos) ele deseja viver tudo antes do fim anunciado, no segundo (angústias) a certeza de que não terá tempo para realizar este primeiro momento. Mas mesmo assim o revoltado quer ser tudo, quer lançar-se ao Tudo ou ao Nada, quer dizer sim a todas as possibilidades que sua existência possa conceber, sendo estas, boas ou ruins, isto não importará para este novo homem, pois como o próprio Camus diz, não importa a qualidade de vida, mais sim a quantidade, ou seja, viver mais, o máximo de tempo é muito melhor que viver bem, todavia, pouco.

Mas este querer tudo do homem revoltado possui um perigo, que seria idêntico ao trazido pela permanência no Absurdo: “a morte”, se não estivéssemos falando de revolta, é claro, pois a diferença entre a morte Absurda e a morte Revoltada é bem simples enquanto no Absurdo o homem se entrega as mazelas mundanas, se ajoelha diante do tribunal, se considera culpado por todos os crimes cometidos por ele, mesmo sendo obrigado pelo mundo a cometê-los, renunciando sua própria vida, renunciando o outro, como uma forma de fugir da realidade do mundo, fugir do próprio mundo. Na Revolta o homem morre para libertar o outro, morre para haver uma união entre os homens, ele aceita a morte não de forma alienada, não como forma de transgressão do sujeito, mas ele aceita por que acredita que vale a pena, por que crer num bem que transcende sua própria existência como afirma o próprio Camus; *Age portanto em nome*

de um valor, ainda que confuso, mas que pelo menos sente ser comum a si próprio e a todos os homens.(CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado pg. 28)

A morte para este homem seria a concretização da própria revolta, a afirmação deste ser cansado de sofrer, de cometer crimes em nome do mundo, este homem que se libertou das algemas, que o prendiam, que se afirmou como verdadeiro homem, que prefere a morte a ter que se submeter as vontades do mundo como diz Camus; *Antes morrer de pé que viver de joelhos* (CAMUS, A. 2010.O Homem Revoltado. pg. 27), ou seja, que ser escravo do mundo, que viver de acordo com suas vontades.

Mas que tipo de morte seria esta, o que acarreta para este ser morrer em prol de sua verdade, verdade esta que acabou de ser descoberta e ainda não possui a comprovação? Camus vai afirmar que: *na revolta, o homem se transcende no outro, e, desse ponto de vista, a solidariedade humana é metafísica* (CAMUS, A. 2010.O Homem Revoltado pg 29), ou seja, esta solidariedade vai além do próprio sujeito, ela abrange todos os homens, fazendo parte de sua natureza, no dado momento que o homem descobre-se Revoltado, uma vez que, os sofrimentos, as dores, e a morte não são só suas, mas de todos os homens.

A solidariedade é de suma importância para a consolidação da Revolta, sem esta a revolta não existe. Ainda com relação ao indivíduo e a solidariedade advinda da revolta, podemos dizer que este *“não é por si só, esse valor que ele se dispõe a defender”* (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado), visto que, o homem necessita do outro para a afirmação de sua revolta, sem o outro esta (revolta) não existirá. Dessa forma o outro possui uma importância grande, sem ele poderíamos dizer que o indivíduo retornaria ao nível absurdo, de solidão e dor.

Para melhor entender usaremos as palavras do próprio Camus: *“A solidariedade dos homens se fundamenta no movimento de revolta, e esta, por sua vez, só encontra justificação nessa cumplicidade.”* (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado. pg. 34), ou ainda, *“que toda revolta que se permite negar ou destruir a solidariedade perde, ao mesmo tempo, o nome de revolta e coincide, na realidade, com um consentimento assassino.”* (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado. pg. 34).

Logo a revolta só é revolta quando possui em si o sentimento de solidariedade e esta não deve possuir nenhum tipo de cobrança ou troca, ela é algo que o homem não pode alcançar, por se tratar de um sentimento que vai além da própria razão humana. Dessa forma a revolta possui em si este desejo de coletividade, pois ela não é a aventura de um único homem, mas de todos, com isto o morrer em defesa de suas ideologias vão

além de se mesmo, ultrapassam a dimensão do homem, chegando a dimensão humana, por esta razão, o indivíduo sozinho não pode alcançar esta solidariedade advinda com a morte ou com a união, pois o morrer nesta concepção Revoltada não é tão simples e egoísta como no Absurdo, o morrer aqui tem haver com escolher seu próprio destino, de forma mais clara, poderíamos dizer que a morte seria uma forma de liberdade, de escolha, de libertar a se a aos outros.

O homem mostra que pode sim escolher o momento de seu fim, porém o ser Revoltado não quer livrar-se de sua existência, ele quer vivenciá-la, mostrar a todos os outros que é possível ser feliz neste mundo, que se todos se unirem o mundo não poderá vencê-los, que a única forma de ser feliz é pela solidariedade e fraternidade entre todos.

O morrer também pode ser entendido como uma forma de mostrar ao outro o caminho que não deve ser seguido, uma morte solidária em defesa de todos os outros que mais cedo ou mais tarde também morrerão.

2.1- REVOLTA METAFÍSICA

Outro tipo de Revolta observada por Camus foi a Revolta Metafísica, segundo ele esta seria um tipo de movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e contra a criação. Ora, se por um lado o homem revoltado se rebela contra sua condição de servo, por outro o Revoltado Metafísico se rebela contra sua condição de homem, nascido numa religião e tendo que respeitar e crer num Deus que ele mesmo criou.

Se na primeira revolta o servo reivindica o seu direito de clareza e de unidade, no segundo caso o revoltado reivindica as mesmas coisas que o servo, porém este quer mais, ele irá lutar pela sua afirmação como homem, ademais irá lutar contra as definições e opiniões colocadas pela tradição (religiosa).

Porém, o que conduz o homem a uma Revolta Metafísica? Qual situação vivenciada por ele pode conduzi-lo a este tipo de Revolta? Para Camus esta revolta surge principalmente da insatisfação do homem com relação ao mundo, ele protesta contra a condição de insegurança, vinda da incerteza de seu futuro e de sua própria existência; *protesta contra a condição naquilo que tem de inacabado, pela morte, e de disperso, pelo mal, a revolta metafísica é a reivindicação motivada de uma unidade*

feliz contra o sofrimento de viver e de morrer. (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado. pg. 40), ou seja, esta revolta nasce da instabilidade vivenciada pelo homem no mundo, surge de toda angústia advinda da falta de certeza de sua vida, e da esperança de que um dia tudo pode ser melhor. Podemos aqui perceber toda dor gerada por estas questões, “*pior que a morte, é não saber quando ela virá*”, esta espera destrói o homem, assim faz com que este dedique muito tempo de sua vida em vigiar a hora de sua morte, no entanto esquecendo de viver, por esta razão o homem cria a falsa ilusão do amanhã, sempre fazendo planos para o dia seguinte, deixando de viver o hoje, para viver o amanhã, seria a forma de gritar, que de alguma maneira este pode sim controlar seu destino, é deste conflito que surge esta revolta e é este conflito que ela tentará combater.

O homem uma vez que se revolta, consegue pela primeira vez ser livre, mas não nos iludamos, uma vez que ainda continuará sobre o domínio do mundo, o que muda é que agora ele tem consciência disto, ele pode escolher seu destino, pode enfrenta seus medos, vencer ou perder aqui não importa, visto que, este homem antes não tinha o direito nem de pensar, agora ele possui tudo em sua frente, inclusive a morte.

Uma questão que surge na Revolta Metafísica tem haver com Deus, qual o papel dele diante de toda esta Revolta, uma vez que a causa desta revolta é justamente a origem do homem, seu destino e sua condição diante do próprio Deus?

Ora Camus diz que:

Derrubado o trono de Deus, o rebelde reconhecerá essa justiça, essa ordem, essa unidade que em vão buscava no âmbito de sua condição cabendo-lhe agora criá-las com as próprias mãos e, com isso, justificar a perda da autoridade divina. Começa então o esforço desesperado para fundar, ainda que ao preço do crime, se for o caso, o império dos homens. (CAMUS, A. 2010 O Homem Revoltado pg. 41)

O homem agora possui uma responsabilidade ainda maior, construir outra nação, formular novos princípios e leis que devam ser respeitadas, não se trata de uma simples revolução, de algo passageiro e sem consequências, se trata pelo contrário, de uma mudança de comportamento, pois se antes o homem era escravo e submisso, agora ele possui o poder de escolha, de fazer seu próprio destino, ele se torna Senhor-de-Si. Mas não confundamos esta revolta com o Ateísmo, pois o indivíduo não nega Deus, ele o desafia, *fala-lhe de igual para igual* (CAMUS, A. 2010. O Homem Revoltado. pg. 41), impõe suas exigências, reivindica seus direitos, obriga Deus a ouvi-lo, julga-o para

depois condená-lo a morte, com a acusação de cometer crimes terríveis contra o homem, aqui se encontra o preço a ser pago com o crime, com a morte de Deus, o homem não pode mais voltar, a responsabilidade de continuar é muito grande, visto que, o preço foi alto demais, muitos se sacrificaram, mas o homem não está mais só, tem ao seu lado o outro homem, porém não estão livres de seus deveres.

Toda obrigação do homem está em desenvolver uma nova ética, um novo princípio onde todos possuam direitos iguais, onde todos tenham a possibilidade de serem felizes, diante do mundo, diante do mar, próximo do sol, fazendo parte deste mundo tão perfeito, numa união tão esplêndida que pela primeira vez, o homem se sentisse parte importante do mundo. Agora tudo é possível, Deus está morto, o homem tem consciência de sua condição, sabe que pode morrer e vive para isso, pois agora a morte é afirmação da vida, no sentido de que este sabe do seu fim, não irá desperdiçar seu tempo numa rotina estressante e sem sentido, ele tentará viver ao máximo, tudo que a vida lhe proporciona.

A revolta não é o fim do caminho, é apenas o meio dele, este homem que aqui chegou ainda enfrentará muito desafios até chegar, ao término dele, esta revolta não é um estado definitivo, este indivíduo pode retroceder várias vezes, pois a revolta é apenas uma condição diante de uma tal situação vivenciada pelo homem, não é final. Por esta razão Camus foi considerado um Filósofo do Existencialismo, visto que a vida do homem está em constante transformação, dessa forma ele não poderá manter este momento por muito tempo. Mas na medida em que ele desenvolver uma ética, reivindicar seus direitos perante o Todo Poderoso, este ser já percorreu demais para voltar, assim ele já atingiu o limite máximo possível de um homem, agora só lhe resta, viver e buscar a felicidade diante do mundo.

Mas o que faz este homem não poder mais voltar? Ora seria simplesmente o outro, por isto o outro é tão importante, pois é ele que não deixará que o homem retorne ao mundo de servidão, é o outro que estará sempre do lado do homem segurando em sua mão para que este não fraqueje, nem tenha medo de dar o próximo passo.

3º CAPÍTULO

A ÉTICA DA REVOLTA OU ÉTICA SOLIDÁRIA X ÉTICA CRISTÃ

Até o momento tentamos demonstrar as principais teorias (Absurdo,Suicídio e Revolta), criadas por Camus, suas reivindicações, sua busca por uma solidariedade humana. Agora tentaremos estabelecer com base nestes conceitos o tipo de ética que Camus buscou para concretizar suas teses. De início, podemos afirma que Camus lutou contra as injustiças cometidas ao homem pelo homem, segundo ele:

Nós lutamos por esta nuance que separa o sacrifício da mística, a energia da violência, a força da crueldade e por esta ainda mais frágil nuance que separa o falso do verdadeiro e o homem em que nós temos esperança dos deuses frouxos que vocês veneram.(Albert Camus. Cartas a um amigo alemão)

Esta é a luta de Camus, e é desta que nascerá sua ética, sua reivindicação perante os deuses é em prol do homem, sua revolta é contra tudo que nega cada indivíduo que vive sobre a terra, pois diante da morte todos são iguais, oprimido e opressor perecerão, todos morrerão. O único que sobrar é justamente Aquele que criou esta mazela, Aquele que tudo sabe, que tudo vê, Deus, ele é o fundador da desgraça que assola todo homem, que transforma o ser humano num ser cruel e egoísta, que transforma o mundo num lugar de dor e desespero. Para Camus a ética cristã não tem limites, ela cria empecilhos que transforma o homem num “covarde, *esconde por trás do perdão a covardia, por trás do sentido o absurdo.*” (STANGL, André.2001. Camus e a Ética Cristã.). Dessa forma a ética cristã não possui limites; ela “*poupa o homem do confronto com a parte negativa de sua essência, a peste. A sociedade se desenvolveu sobre essa negação desconhece seus limites, pois ofusca-se com a luz de suas lâmpadas e de sua moral.*” (STANGL, André. 2001. Camus e a Ética Cristã.). E então chegamos ao primeiro ponto crucial da ética Camusiana. Quem não tem limite agora? O Homem Revoltado ou o Religioso? Quem é capaz de assassinar? O Revoltado que conhece seu limite e sabe de suas fraquezas ou o Religioso que não possui limite. Podemos dizer de forma clara que a ética religiosa criou covardes que buscam a todo instante, motivos para continuar vivo, que buscam no pecado uma razão para viver, que buscam no Paraíso uma razão para serem felizes, que buscam na dor dos pecadores uma razão para festejar. O que Camus propõe é diferente, o que ele busca é mais humanitário. Não se esconde por trás de “mitos”, criados para tornar todo homem complacente, sua ética busca fundamentos na dignidade da pessoa humana, a partir de uma reflexão sobre o indivíduo, e com o

indivíduo, esta, “*começa a ter consciência de si mesma, e passa a se enxergar como o novo e supremo agente coletivo da História.*” (KONDER, Fábio. 2006.Ética. pg. 410)

Todos os flagelos que afetam diretamente a humanidade (fome, doenças, desemprego, etc) só serão superados quando todos os homens se unirem, como afirma Fábio Konder: “*A humanidade somente terá condição de enfrentar esse formidável desafio se souber encontrar uma forma de união na qual todos os povos do mundo possam viver livres e iguais, em dignidade e direito.*” (KONDER, Fábio. 2006.Ética). E é isto que Camus busca na sua Revolta, é isto que ele tenta mostrar, que sozinho o homem sucumbirá as mazelas do mundo, mas que unindo-se ao homem, conseguirão a vitória, diante de todas as dificuldades mundanas.

Tomar consciência de sua condição é sempre o ponto central para a libertação das algemas que aprisionam os homens como afirma Fábio Konder: “*para que a humanidade se liberte da condição de objeto ou massa de manobra do poder do mais forte é indispensável que ela tome consciência de si própria.*” (KONDER, Fábio.2006. Ética. Pg 433). Podemos aqui afirmar que Camus possui sim um sistema ético, que parte de uma tomada de consciência, para uma revolta preocupada com a condição de miséria humana e disposta a propagar a solidariedade, que respeite a vida de cada indivíduo. Este é seu princípio ético, respeito mútuo, sem diferenças nem privilégio, muito diferente do princípio ético religioso que mesmo pregando a Verdade e o Amor, sempre vai colocar entre os homens um sentimento de exclusão, ou seja de se sentir só diante do mundo, além do desespero e do medo advindo desta exclusão.

Agora o que leva uma religião do Amor conduzir o homem a uma alienação e um egoísmo tão grande? Segundo o próprio Camus, o sistema cristão traz em sua origem certa falhas, um Deus enganador, de Ódio e Ciumento que obrigou os homens a amá-lo, que esmaga todo aquele que o desobedece. Camus vai dizer que mesmo com a criação do Novo Testamento para suavizar esta figura de Deus cruel, que mesmo surgindo Cristo para resolver os problemas deixados por Deus, ainda sim estes continua sendo culpado por todos os crimes, visto que *Tudo é dom de Deus*, isto se tornou desculpa para todas as barbáreis existentes na Terra, cada indivíduo que morreu em Guerras ou mesmo condenado à fogueira, morreu em nome deste Senhor denominado Pai. Por esta razão a revolta irá destroná-lo e condená-lo. Os revoltados não querem vingança, mas apenas justiça, este é o princípio ético Camusiano, Justiça e Respeito, para todos os homens, mas não esqueçamos, esta justiça não traz em si a sentença de morte, visto que, a vida para Camus é irrevogável, ninguém possui o direito de tirar a

vida de outra pessoa, mesmo que esta tenha cometido as maiores atrocidades, ainda sim não deve morrer, pois a morte é algo terrível, uma forma cruel de condenar os homens por serem ingênuos, por acreditarem em tudo e em todos, até numa tal serpente que fala.

Para que possamos entender todo princípio ético da teoria Camusiana, podemos re-afirmar o seu primeiro ponto, que seria a tomada de consciência, com isto o homem já possui a percepção necessária para atingir esta Ética Revoltada.

Mas em qual situação da vida, o homem toma consciência de sua condição, perante os homens e perante Deus? Podemos exemplificar este momento com o Padre Paneloux, do romance *A Peste*, pois este na sua ingenuidade, infantilidade e alienação, acreditava que a Peste era merecida para aquela sociedade corrupta e cruel, porém quando ele se depara com a agonia e conseqüentemente com a morte de uma criança ele entra em conflito com sua fé, tenta buscar na racionalidade uma justificativa para as mortes dos inocentes, busca uma explicação que ele acredite algo que lhe dê forças para continuar, porém nem ele mesmo consegue conceber tal explicação, consegue assimilar tal crueldade com um ser vivo, e em seu sermão diz;

se é justo que um libertino seja fulminado, não se compreende o sofrimento de uma criança(...), nada havia de mais importante sobre a terra que o sofrimento de uma criança e o horror que esse traz consigo e suas razões que é preciso descobrir(...). Ter-se-ia sido fácil dizer que a eternidade das delícias que esperavam a criança podia compensar seu sofrimento, mas na verdade, ele nada sabia. Quem podia afirmar que a eternidade de uma alegria podia compensar um instante da dor humana? (...). __ Meu irmão, chegou a hora. É preciso crer em tudo ou tudo negar. E quem, dentre vós, ousaria negar tudo? (CAMUS,A.1947. *A Peste*. pg. 143)

Ora é a morte que traz consigo toda dor, que conduz o homem a uma tomada de consciência, é contra ela que lutamos, é contra ela que fugimos, esta certeza que dilacera os corações humanos, esta proximidade do fim igual a todos os homens, é neste entrave que esbarra todos os sonhos e desejos humanos, um destino que nenhum homem gostaria de ter, e é por esta razão que Camus demonstra que se todos possuem o mesmo destino por que não nos unirmos para enfrentarmos este mal, mesmo sabendo a impossibilidade de vitória, ainda assim é melhor lutar junto com outro que compactua do mesmo destino, que lutar só.

Ao presenciar o sofrimento humano o Padre Paneloux não conseguiu manter sua fé, ele fraquejou, pois viu a realidade, tomou consciência do que é ser homem, e tornou-se homem, daí para frente tudo muda, ele pode até retroceder, mas nunca se esquecerá

da sensação que vivenciou, o calor do mundo adentrando no seu corpo, fazendo parte dele, e ele fazendo parte do mundo, uma troca de sentimentos, de possibilidades, de medos, foi vivenciada por este homem. Podemos perceber aqui que ao mesmo tempo em que a morte conduz o homem a uma prisão ela também o liberta de outras prisões. Fazendo uma analogia bem simples percebamos aquele ser que não é capaz de chorar ou dizer, eu te amo a alguém, no dado momento que ele se vê ameaçado por qualquer situação, percebendo a possibilidade de sua morte, ele muda de comportamento, desaba diante do outro, pede perdão, implora se possível, tudo para continuar vivo, ninguém quer a morte, nem mesmo aquele que crê, o Padre Paneloux também não aceita, ele apenas se entrega a condição que lhe foi imposta, percebe que não consegue vencer a Peste, percebe que não consegue revoltar-se, percebe que está só na sua dor: *Obrigado. Mas os religiosos não têm amigos. Concentraram tudo em Deus.* (CAMUS, A. 1947. A Peste. pg. 148), no final quando o encontraram morto seu olhar era de indiferença, olhar de um homem que no final já não sabia o que era verdade ou falsidade, em que devia crer. Percebe-se aqui como a morte do solitário é mais cruel que a do solidário como a personagem de Tarrou em A Peste, um homem que uniu-se ao Doutor para combater a peste, quando ele mesmo contrai a doença seu olhar é calmo e afirma que não deseja morrer: *Não tenho vontade de morrer e vou lutar. Mas, se a partida estiver perdida, quero ter um bom fim.* (CAMUS, A. 1947. A Peste. Pg 179), Tarrou diferente do padre não se entrega a morte, ele luta, tenta demonstrar controle, tenta vencer mesmo sabendo que é quase impossível, mesmo sem esperança ele Sorria, mesmo diante da febre ele sorria: *Sob as ondas móveis da febre, o sorriso tenaz reapareceu ainda.*(CAMUS, A. 1947. A Peste. Pg 181), seu sorriso afirma seu desejo, diferente do Padre Paneloux, ele tinha amigos em que podia confiar e contar, ele não era solitário. Sua morte marcou o médico: *ele tinha vivido ao lado de Tarrou e essa noite ele morreria, sem que sua amizade tivesse tido tempo de ser verdadeiramente vivida.* (CAMUS, A. 1947. A Peste. Pg 185). Percebam na diferença de uma morte para a outra, o Padre se foi, e em nada mudou, este foi esquecido, o único comentário feito foi “*Caso duvidoso*” e nada mais. Já Tarrou mudou o médico deixou este, triste e revoltado contra a condição do homem no mundo da Peste.

Neste romance o médico é o símbolo da Revolta, é o próprio Homem Revoltado como afirma Carlos Eduardo em seu livro: *As Dimensões do Homem: Mundo, Absurdo, Revolta: Realiza a luta contra o insuportável, afirmando o homem.* (GUIMARÃES, Carlos Eduardo.1971.As Dimensões do Homem. pg. 39), mesmo diante da derrota o

Médico não desiste: *Suas vitórias serão sempre efêmeras; nada mais. __ Sempre, bem sei. Não é uma razão para deixar de lutar.*(CAMUS, A. 1947. A Peste. pg. 82). Este romance (A Peste) revela a solidariedade e funda os pilares para um Ética Solidária. Na luta contra o mal da Peste a única forma de vencer é solidária, a morte é inevitável, mas pode ser mais amena.

O que Camus tenta passar na Peste é o caráter igualitário da condição humana, mesmo sendo o outro a sofrer com a Peste, ainda assim, ela é um problema de todos, com afirma outra personagem Rambert: *Pensei sempre que era estranho a esta cidade que nada tinha a ver com vocês. Mas agora que vi o que vi, sei que sou daqui, quer queira, quer não. A história diz respeito a todos nós.* (CAMUS, A. 1947.A Peste. pg. 133), ninguém está livre da Peste, como a morte, esta surge como o ser que libertará o homem da desgraça alienada da complacência, ou que o aprisionará na esperança do Paraíso. A solidariedade aparecerá no primeiro momento (Tarrou), no segundo é a dor da solidão (Padre Paneloux), e no terceiro (Rambert) a consciência do destino igual a todos. Podemos dizer que tanto a morte quanto a peste possui este sentido, ou melhor, este significado, libertar o homem ou aprisioná-lo, num primeiro momento seria tomada de consciência, num segundo a busca da salvação.

Todo princípio ético seja ele Camusiano ou Religioso, buscam no final consolar o homem da desgraça de ter que morrer um dia, de ter que deixar quem ama, de ter que renunciar a tudo, de ter que ir, *o ruim não é morrer, o ruim é ter que esperar a morte chegar*, é ver todo dia ela dar um passo para perto de você, é saber que mais cedo ou mais tarde, você desaparece do mundo e com o passar dos tempos será aos poucos esquecido. Este é o problema e a solução, Camus afirma em sua ética, se todos estão unidos, e somos solidários uns aos outros, seremos lembrados por mais tempo, e a morte não será mais que um empecilho aos nossos sonhos.

A afirmação da Solidariedade é a afirmação do homem, não é uma simples regra, para uma vida melhor em outro mundo, é muito mais que isto, é a saída pela porta da frente do mundo, é a verdadeira dignidade humana, é o próprio homem diante de si mesmo, conhecendo seus limites, enfrentado seus medos, todavia acompanhado de outros homens que também enfrentam o mesmo destino. Podemos ver todos unidos de mãos dadas, entrando no mar do mundo e enfrentando as ondas de dores e mazelas, mesmo estas sendo fortes, são muitos homens e um segura o outro para que não caia e seja arrastado pelo tempo ou levado pela morte. A morte virá, isto é certo, mas a dor e o medo já não tem o mesmo significado, já não possuem tanta importância, se trata

apenas de cessar , de parar o que se está fazendo, o sofrimento da dúvida de uma outra vida após a morte se foi, o homem já não se interessa por esta resposta, já não se faz esta pergunta.

A ética solidária é o início de um novo momento, de uma nova vida, é a afirmação do homem diante do mundo e de se mesmo. Agora este (homem) esta livre para ser o que deseja ser, está livre para ser Homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, percebemos que durante todo este trabalho reflexivo o quanto a filosofia Camusiana é determinada a buscar uma confraternização entre os homens. Um homem que nasceu entre a miséria, sofreu perdas irreparáveis, mas superou tudo para se tornar o ser capaz de pregar a solidariedade humana, a afirmar que não se pode buscar a liberdade por meio da guerra, que o problema da existência humana não é o problema de um homem, mas de todos, uma vez que todos morrem e sofrem no mundo. Demonstra a crueldade de um Deus, que não se importa com seus servos, os esmaga como insetos. Camus foi um ateu que buscou a fraternidade, diferente de tantos outros, não negou o amor entre os homens, mas escreveu sobre o egoísmo presente no mundo, sobre a incapacidade de amar existente na terra, e tudo segundo ele devido numa primeira análise, a uma tradição religiosa que justifica seus crimes em nome de Deus e em segundo, numa sociedade egoísta que visa apenas conquistar e destruir todos aqueles considerados mais fracos.

Tentamos demonstrar neste trabalho o caminho que Camus percorreu em sua obra, para mostrar ao homem como atingir a solidariedade, de início deve-se tomar consciência de sua condição de escravo diante do mundo, ou seja, do absurdo que é nossa existência, logo em seguida buscar uma revolta que vise acima de tudo o próprio homem, tendo em vista lutar contra “a peste” da não consciência e da escravidão pela qual o homem é submetido.

Ora num mundo onde a todo o momento o homem é bombardeado de incertezas e dúvidas relacionadas com o amanhã, Camus tenta demonstrar que o amanhã não importa, a única importância é o agora, é viver tudo e sem medos ou receios. Por conseguinte pode-se perceber na sua obra por que ele afirma que todos são iguais, visto que todos morrem, é este o princípio que une todos os homens, que os torna escravos,

que faz qualquer homem ser descrente com relação a tudo e a todos, como o padre de **A Peste**, diante da morte da criança, ele duvida da justiça divina que durante toda sua vida havia seguido. É a morte que afirma o homem mais ao mesmo tempo o destrói, da mesma forma e a partir dela e por causa dela que os homens devem se unir, é para Camus só através da união é que o homem seria capaz de vencer esta certeza cruel.

Sua biografia mostra o homem que foi, apresenta suas reivindicações, narra suas lutas, este foi Albert Camus um homem que pensava além, que buscou uma Ética, onde seu principio era: direito iguais para todos os homens, não importando sua origem nem etnia. Todos são homens e compactuam do mesmo mal: A Morte

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ____ CAMUS, Albert. **A Peste**. Título Original. La Peste. Tradução. Valery Rumjanek. 1ª Ed. 1947.
- ____ CAMUS, Albert. **O Mito de Sisífo**. Título Original. Le Mythe de Sisyphe. Tradução. Mauro Gama. Ed. Guanabara. 1989.
- ____ KONDER, Fábio Comparato. **ÉTICA: Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ____ RAMOS, Flamarion Caldeira. **Absurdo e Revolta em Albert Camus**. Palestra Proferida no I Minicolóquio “As Margens da Filosofia” na Universidade São Judas Tadeu, em 2005.
- ____ OLIVO e SIQUEIRA, Luis Carlos Cancellier, Ada Bogliolo Piancastelli. **O direito e o Absurdo: Uma análise de “O Estrangeiro” de Albert Camus**. Revista Sequência, Nº 56, pg. 259 – 276, jun. 2008.
- ____ STANGL, Andre. **Camus e a Ética Anticristã**. Ano 2001.
- ____ ADAUTO, Nilson Guimarães da Silva. **A PESTE DE ALBERT CAMUS: REVOLTA COMO AÇÃO COLETIVA E SOLIDÁRIA**. UFRJ.
- ____ CAMUS, Albert. **O Aveso e o Direito**. Tradução Valery Rumjanek. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ____ GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As Dimensões do Homem: Mundo, Absurdo, Revolta(Ensaio Sobre a Filosofia de Albert Camus)**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1971.
- ____ GERMANO, Emanuel Ricardo. **O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus**. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. USP
- ____ CAMUS, Albert. **O HOMEM REVOLTADO**. Título Original: L'homme Révolté Tradução: Valerie Rumjanek. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.
- ____ CAMUS, Albert. **O ESTRANGEIRO**. Título Original: L'Étranger. Tradução:

Antônio Quadros. 1ª ed. 1942
